



## **Corpo, Cidade, Movimento**

**Autora: Luiza Borba Chiesa**

**2º semestre de 2019**

**Objetivo:** Usar o *slam poetry* como mote para trabalhar com os estudantes do terceiro ano do ensino médio debates da antropologia urbana sobre territorialidade, lugar/espço, o agenciamento de práticas e usos da cidade pelos sujeitos, e posições de poder. A ideia é que este bloco de aulas abra caminho para um bloco subsequente que abordará especificamente teorias e práticas etnográficas, aproximando os estudantes de debates da antropologia contemporânea. Esta proposição conta com um esquema de oito aulas, que pode ser expandido ou encurtado de acordo com as necessidades dos estudantes e do docente responsável.

**Justificativa:** O *slam poetry* é um espaço consideravelmente novo de performance poética, que tem se expandido no país e atualmente ocupa um espaço notável e crescente no circuito literário nacional. Acompanhando *slams*, percebe-se que a cidade não é mera paisagem para estes atores. A relação destes com o espaço da cidade constrói significados, o que traz amplas possibilidades de abertura para a construção de debates em sala de aula que recuperem e abordem temáticas da antropologia urbana.

Percebendo a relação cada vez mais interligada entre este movimento literário e escolas de ensino médio e cursinhos populares, em que se destaca desde 2014 a pioneira realização de campeonatos interescolares pelo Coletivo Slam da Guilhermina no estado de São Paulo, e as cada vez mais frequentes parcerias das comunidades de *slam* e educadores, seja em projetos pedagógicos, rodas de conversa, mesas, palestras, entre outros, trazer essa temática para sala de aula pode se apresentar como uma forma interessante de experimentar o fazer antropológico e etnográfico não através de temas exógenos aos estudantes, mas através daquilo que os afeta



(SAADA, Jean Favret). Procura-se introduzir o fazer científico não com uma pretensa suposição de neutralidade objetiva, mas reconhecendo a sensibilidade necessária ao conhecimento. Nas palavras de Guilherme Cantor Magnani: “(...) é preciso situar o foco nem tão de perto que se confunda com a perspectiva particularista de cada usuário e nem tão de longe a ponto de distinguir um recorte abrangente, mas indecifrável e desprovido de sentido.” (MAGNANI, 2000, p 20).

## **Aula 1**

**Recursos:** Voz, Giz e Lousa

**Objetivo:** Despertar, através da interatividade, reflexões sobre quem produz conhecimento e se a experiência produz conhecimento. Introduzir o plano do curso, cuja proposta envolve uma atividade extra-aula na sétima semana, esta que consiste na realização de um *slam poetry* entre os alunos da turma em um local público da cidade. Já encaminhar os pedidos de autorização para os pais.

## **Metodologia:**

“O ato de ouvir coletivamente uns aos outros afirma o valor e a unicidade de cada voz” (HOOKS, Bell. *Ensinando a Transgredir, A Educação como Prática da Liberdade*. 2018, p. 114).

Introduzir esta frase aos estudantes de forma escrita (lousa) ou falada, fazendo ainda breve menção à autora e seu contexto de vida <sup>1</sup>. A partir disso, propor a seguinte questão: “você já sentiu que sua voz não era importante?”. Os estudantes devem ter um tempo para refletir individualmente e, em seguida, iniciar um debate com as respostas.

---

<sup>1</sup> Pode-se usar como base o texto presente no link: <https://www.editoraelefante.com.br/quem-e-bell-hooks/>



Durante o debate, o docente pode solicitar que os estudantes lembrem o nome de alguma pessoa no mundo (viva ou não) que eles tenham como referência de “inteligente”, “sábia”; e também que falem de alguma situação em que aprenderam algo com outro aluno da sala.

É importante que o professor tente anotar ou memorizar as respostas dos alunos para retomar no desenvolvimento das próximas aulas.

## **Aula 2**

**Recursos:** Voz, giz e lousa

**Objetivo:** Inserir a proposta didática da realização, durante o curso, de um *slam poetry* entre os alunos em um local público da cidade, dinâmica extra-aula que visa proporcionar a reflexão interativa com os temas abordados, elaboração e interpretação de texto e a aproximação dos estudantes com uma experiência etnográfica. Realizar com a turma a escolha de um lugar público na cidade de São Paulo para a realização do *slam*. Encaminhar pedidos de autorização aos pais que devem ser entregues na aula seguinte (prazo ideal que prevê o espaçamento para coletar estes documentos ao longo do curso).

**Metodologia:** Começar com a turma o diálogo sobre *slam poetry* e abrir aos estudantes a elaboração da batalha e escolha de um lugar já possibilita amplas reflexões sobre autonomia e circulação na cidade. O único ponto definido é o de que o trajeto deve ser feito com transporte público, também para integrar essa atividade às malhas de trânsito urbano. Distância, a divisão de tarefas, possibilidades de trajeto e o conteúdo simbólico da escolha de um local e não de outro são alguns dos elementos que podem ser destacados à percepção dos alunos. O texto teórico entregue em conjunto com este material didático pode ser usado pelo professor como ferramenta para algumas reflexões sobre o *slam poetry*, o agenciamento da fala e posições de poder em contextos urbanos e como a atividade que está sendo proposta se insere nesse movimento. Começar, com isso, também a expor o fazer etnográfico e o que se espera para a



entrega da atividade de avaliação, que consistirá na produção individual de um relato etnográfico sobre o evento de *slam poetry* realizado.

### **Aula 3**

**Recursos:** Voz, Giz, Lousa, Computador e Projetor

**Objetivo:** Iniciar uma reflexão sobre relações de poder e posicionamento das pessoas no campo da ação, fazendo recortes de raça, classe, gênero e colonialidade.

**Metodologia:** Aula Expositiva com projeção de vídeo e introdução às reflexões de Spivak sobre a subalternidade e decolonialidade no livro “Pode o Subalterno Falar?”. Iniciar a aula com a exibição do vídeo “O que é Lugar de Fala”, do Canal Curta!, com Djamila Ribeiro [acesso pelo link: [https://www.youtube.com/watch?v=S7VQ03G2Lp\\_w](https://www.youtube.com/watch?v=S7VQ03G2Lp_w)]. Aproveitar que Djamila menciona Spivak para fazer ponte às reflexões da autora indiana, buscando apresentar as relações de poder inerentes à normatização de determinadas narrativas e a não escuta das falas de pessoas em posições subalternas.

### **Aula 4**

**Recursos:** Voz, Giz e Lousa, Computador e Projetor

**Objetivo:** Abrir uma discussão sobre as relações de poder no espaço urbano, introduzindo o conceito de espaço como “lugar praticado”, tal qual proposto por Paola Jacques no livro “Elogio aos Errantes”.

**Metodologia:** Aula Expositiva do conceito de espaço proposto por Paola Jacques. Expor o excerto [em anexo] através da leitura individual do professor ou da leitura coletiva entre os alunos. A ideia é que o trecho possa ser exibido com um projetor para a visualização coletiva, mas, não havendo essa possibilidade, é cabível testar outros formatos, como cópias impressas do texto ou escrita na lousa. Abrir um levantamento e pôr em discussão alguns planos



arquitetônicos em vigor na cidade de São Paulo e como eles são redimensionados pelos sujeitos através do uso. É possível trazer, por exemplo, os projetos de “revitalização do centro” promovidos numa parceria entre setores públicos e privados que envolvem a multinacional Gehl, o Banco Itaú e a prefeitura de São Paulo para pôr em reflexão como estes projetos impõem uma perspectiva de cidade *civilizada*, que seleciona sistematicamente as condutas e os corpos desejáveis. Exibir o vídeo poema de Luz Ribeiro (poeta slammer) [<https://www.youtube.com/watch?v=CTY8Fs2K3k8>] para estimular a interpretação dos alunos sobre como os sujeitos que a autora retrata vivenciam a situação de subalternidade reconfigurando os espaços com suas ações.

## **Aula 5**

**Recursos:** Voz, Giz e Lousa

**Objetivo:** Introduzir os conceitos de *trajeto*; *circuito*; *pedaço* (MAGNANI), para pensar territorialidade e como o *slam* se insere nos espaços urbanos como ocupação, invenção do espaço, ao reconfigurar os usos e práticas do lugar. O que era lugar de passagem, agora vira ágora, palco, plateia, roda de compartilhamento de palavras, competição. O bar, a praça, a estação do metrô, o terminal de ônibus, entre outros, passam a ter nova paisagem sonora, novas formas de relação que marcam o lugar e o negociam com os demais frequentadores.

**Metodologia:** Aula expositiva das categorias de *trajeto*; *circuito*; *pedaço* (MAGNANI) através da abordagem de que a *marginalidade* no *slam poetry* paulistano atrela-se a uma dinâmica territorial. Muitos poemas trazem à tona a ideia de marginalidade intrínseca a uma polarização entre *quebrada* e *centro da capital*, em que a centralidade figura como um local de privilégio, não raro um local inóspito aos sujeitos marginais. Acompanhando *slams*, percebe-se que a cidade não é mera paisagem para estes atores. A relação destes com o espaço da cidade constrói significados e reconfigura práticas, modos de pensar e usos na cidade. Pensar isso, através das



categorias propostas por Magnani e trazidas por mim no texto teórico entregue conjuntamente a este material didático, pode enriquecer o debate sobre como as práticas dos sujeitos vão constantemente reconstruindo a cidade.

## **Aula 6**

**Recursos:** Voz, Giz, Lousa, material impresso, computador e projetor

**Objetivo:** Continuar a discussão sobre as relações de poder no espaço urbano, agora pensando também os agentes que detém o monopólio do uso legítimo da força do Estado: a polícia. Entender a pré-determinação dos usos dos espaços públicos através da violência ordenadora.

**Metodologia:** Aula Expositiva utilizando trechos do artigo “Coreopolítica e Coreopolícia”, do autor André Lepecki. O professor deve introduzir o conteúdo do texto aos estudantes, falando sobre como o autor relaciona estética e política para pensar a política como “o movimento de corpos no espaço” e, então, pensar a política como dança, e, enfim, analisar suas coreografias na cidade: coreopolítica (dissenso, conflito, rompimento da ordem) e coreopolícia (inércia, adequação, manutenção da ordem). A isso seguirá a proposição de uma atividade, em que o professor dividirá a sala em três grupos. Cada grupo receberá um dos três excertos [em anexo] para leitura, debate e interpretação do conteúdo. É interessante que o docente durante este tempo transite entre os grupos, mediando a conversa e tirando dúvidas, se necessário. Reunir a sala novamente, para que cada grupo apresente suas conclusões aos demais, ocasionando um debate entre a turma. É interessante, se a escola tiver esse recurso, a utilização de um projetor para que cada excerto possa ser visto coletivamente enquanto o debate acontece.

## **Aula 7**

**Recursos:** Voz, Giz e Lousa, computador e projetor



**Objetivo:** Continuar a discussão sobre as relações de poder no espaço urbano, agora pensando também os agentes que detém o monopólio do uso legítimo da força do Estado: a polícia. Entender a pré-determinação dos usos dos espaços públicos através da violência ordenadora.

**Metodologia:** Continuar a discussão da aula anterior sobre as relações de poder no espaço urbano através do texto de André Lepecki, agora abrindo o debate para a livre conversa entre a turma sobre experiências vividas no cotidiano e a relação dos alunos com os agentes que detém o monopólio do uso legítimo da força do Estado: a polícia. Pensar reflexivamente sobre situações corriqueiras para entender como a polícia opera para estabelecer a ordenação dos usos dos espaços públicos.

## **Aula 8**

**Recursos:** Voz, Giz e Lousa

**Objetivo:** Preparar com os estudantes a atividade extra-aula (realização do *slam*).

**Metodologia:** Trabalhar com a turma a identidade da batalha de *slam poetry* a ser realizada, definindo nome, hino, bem como a divisão de funções. Se houver tempo e possibilidade, talvez seja interessante a confecção de uma bandeira. Este também é o momento para trazer considerações sobre o que se espera de um relato etnográfico, para preparação da atividade de avaliação.

## **Aula 9**

**Recursos:** Voz, Giz e Lousa

**Objetivo:** Preparar com os estudantes a atividade extra-aula (realização do *slam*).

**Metodologia:** Trabalhar com a turma a identidade da batalha de *slam poetry* a ser realizada, definindo nome, hino, bem como a divisão de funções. Se houver tempo e possibilidade, talvez seja interessante a confecção de uma bandeira. Este também é o



momento para trazer considerações sobre o que se espera de um relato etnográfico, para preparação da atividade de avaliação.

**Atividade extra-aula (sugestão de data: sábado à tarde)**

**Recursos:** transporte urbano.

**Objetivo:** Promover um *slam* com os alunos no espaço público da cidade de São Paulo por este escolhido.

**Metodologia:** Percorrer com os estudantes o trajeto da escola até o local escolhido por estes na aula anterior para, então, lá situados, realizar o *slam*, dividindo a turma nas funções de

- mesa (contabilização do tempo e das notas);
- *slammaster* (apresentação);
- *slammers* (competidores)
- jurados
- público
- pocket show (não obrigatório)
- dj ou participação sonora (não obrigatório)

Este é um momento de integração e criatividade. Abra espaço para a turma elaborar-se e refletir sobre suas práticas, interaja com a situação. Com a finalização da atividade, todos retornam à escola.

**Atividade de avaliação**

Texto em casa em formato de relato etnográfico com as percepções do aluno sobre a experiência que tiveram com a realização do *slam* em um local público da cidade, utilizando os conceitos e debates trazidos em aula.



## **Aula 10**

**Recursos:** Voz, Giz e Lousa

**Objetivo:** Finalização do curso

**Metodologia:** Entrega dos relatos e discussão em sala sobre as percepções dos estudantes dos conteúdos trabalhados no curso, das experiências do *slam* e do fazer etnográfico. O texto teórico entregue em conjunto com este material didático pode ser usado como ferramenta para algumas reflexões sobre o *slam poetry*, o agenciamento da fala e posições de poder em contextos urbanos e como a atividade que está sendo proposta se insere nesse movimento.



## **Anexos**

### **Aula 3**

#### **Elogio Aos Errantes - Epílogo - Desorientação - Paola Jacques**

Os praticantes das cidades atualizam os projetos urbanos – e o próprio urbanismo – com a prática dos espaços urbanos. Os urbanistas indicam usos possíveis para o espaço projetado, mas são aqueles que o experimentam no cotidiano que o atualizam. São as apropriações e improvisações dos espaços que legitimam ou não aquilo que foi projetado; ou seja, são essas experiências do espaço pelos habitantes, passantes ou errantes que reinventam esses espaços no seu cotidiano. De Certeau faz uma distinção entre o lugar, a princípio estável e fixo, e o espaço, instável e em movimento. Podemos considerá-los como uma relação processual e, assim, seria a inscrição do corpo do praticante em movimento no lugar que o transformaria em espaço, ou como De Certeau escreveu: “o espaço é o lugar praticado. Assim, a rua geometricamente definida pelo urbanismo, é transformada em espaço pelos pedestres (praticantes).”

### **Aula 5**

#### **Coreopolítica e Coreopolícia - André Lepecki**

##### **Excerto 1 - autonomia, circulação, liberdade e neutralidade na cidade**

No chão do urbano contemporâneo, a fantasia que determina a espacialização da pólis é dupla: primeiro a pólis se representa como espaço de circulação de sujeitos supostamente livres, principalmente livres na sua capacidade de circular livremente. Ou seja, a pólis, o urbano da contemporaneidade, se apresenta como um palco para a representação de uma “automobilidade”, entendida como emblema privilegiado de subjetivação. (...) Em segundo lugar, a pólis se representa fisicamente, topologicamente, enquanto um lugar supostamente neutro e, conseqüentemente, sempre aberto para a construção infundável de toda sorte de



edificações que justamente determinam e orientam o urbano como nada mais do que o palco para a circulação dos emblemas do autônomo.

### **Excerto 2 - Coreopólicia**

Vamos considerar aqui “polícia” um ator social na coreopolítica do urbano atual, uma figura sem a qual não é de todo possível pensar-se a governamentalidade moderna. Uma figura também cheia de movimento, particularmente o ambíguo movimento pendular entre a sua função de fazer cumprir a lei e, a sua capacidade para a sua suspensão arbitrária; uma figura cujo espetáculo cinético é de chamar para si o monopólio sobre a determinação do que, no urbano, constitui um espaço de circulação, tarefa que executa não apenas quando orienta o trânsito, mas também quando executa com alarde a sua performance de transgressão de sentidos de circulação na cidade, com carros velozes cheios de luzes e sirenes alardeando assim a sua excepcional ultramobilidade, uma vez que para a polícia nunca existe a contramão.

(...)

Para Rancière, a polícia não precisa sequer chamar o sujeito. Ela é aquele elemento que já está dado na organização da pólis. A polícia é (...) principalmente o agente que garante a reprodução e a permanência de modos predeterminados de circulação individual e coletiva. A polícia, em outras palavras, coreografa. Ou seja, é ela que garante que, desde que todos se movam e circulem tal como lhes é dito (aberta ou veladamente, verbal ou espacialmente, por hábito ou por porrada) e se movam de acordo com o plano consensual do movimento, todo o movimento na urbe, por mais agitado que seja, não produzirá nada mais do que mero espetáculo de um movimento que, antes de mais nada, deve ser um movimento cego ao que o leva a mover-se. Ou seja, o que importa é uma fusão particular de coreografia e policiamento – coreopoliciamento. O fim do coreopoliciamento é o de desmobilizar ação política por via da implementação de certo movimento que (...) é incapaz de mobilizar discórdia; um movimento incapaz de romper com a reprodução de uma circulação imposta.



### **Excerto 3 - Coreopolítica**

O aparecimento do sujeito político: efeito e causa de um novo entendimento de coreografia. Ou seja, coreografia se torna coreopolítica quando mobiliza ou auxilia uma tomada de ação nos vazios sempre presentes (mas recalcados, denegados, camuflados) na trama de circulação do urbano. Coreopolítica é a revelação teórica e prática do espaço consensual e liso de circulação como máxima fantasia policial, pois não há chão sem acidentes, rachaduras, cicatrizes de historicidade. É na rachadura e no seu vazio plenamente potente, é no acidente que todo chão sempre já é, que o sujeito político surge porque nele escolhe o tropeço, e, no desejar do tropeço, ele vê o delírio policial da circulação cega e sem fim ser sabotado.

O sujeito que emerge entre as rachaduras do urbano, movendo-se para além e aquém dos passos que lhe teriam sido pré-atribuídos, é o sujeito político pleno. Para esse sujeito, a questão fundamental é recapturar uma nova ideia, uma nova imagem e uma nova noção coreográfica de movimento. A pergunta comum que os confrontos políticos do contemporâneo global (e, apesar da singularidade histórica, geográfica de cada um) nos colocam hoje é: o que, de fato, é um movimento verdadeiramente político? Como criar um movimento de contestação que, de fato, escape das coreopoliciadas imagens do que a “contestação” deve ser nos circuitos do urbano?



## **Bibliografia**

BHABHA, Homi K. O local da cultura. Belo Horizonte: Editora UFMG, 1998.

BENEVENUTO, Silvana José. A escrita como arma: uma análise do pensamento social na literatura marginal. 2010. 116 f. Dissertação (mestrado) - Universidade Estadual Paulista, Faculdade de Filosofia e Ciências, 2010. Disponível em:

<<http://hdl.handle.net/11449/88760>>.

CARMO, Milena Mateuzi. Tecendo redes de cuidado: gênero e violência nas periferias de São Paulo in: Reunião Equatorial de Antropologia, VI, 2019, Salvador-BA

CARNEIRO, Sueli. Mulheres em movimento . *Estudos Avançados*, 17 (49). 2003, pp 117-133. Recuperado de <http://www.revistas.usp.br/eav/article/view/9948>

D'ALVA, Roberta Estrela. Teatro hip-hop: a performance poética do ator-MC. São Paulo: Perspectiva, 2014.

DAS, Veena. “Fronteiras, violência e o trabalho do tempo: alguns temas wittgensteinianos”. RBCS, v. 14, n. 40, jun. 1999. <http://www.scielo.br/pdf/rbcsoc/v14n40/1706.pdf>

DAS, Veena. O ato de testemunhar: violência, gênero e subjetividade. Cad. Pagu [online]. 2011, n.37, pp. 9-41. <http://www.scielo.br/pdf/cpa/n37/a02n37.pdf> f

DUARTE, Mel. *Querem nos calar: poemas para serem lidos em voz alta*. Organização: Mel Duarte. Ilustrações: Lela Brandão. São Paulo: Planeta do Brasil, 2019.



FELTRAN, Gabriel de Santis. A categoria como intervalo – a diferença entre essência e desconstrução. Cad. Pagu, Campinas, n. 51, e175105, 2017. Disponível em <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0104-83332017000300306&lng=pt&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-83332017000300306&lng=pt&nrm=iso)>. acessos em 03 mar. 2020. Epub 08-Jan-2018. <https://doi.org/10.1590/18094449201700510005>.

FERREZ(Org.). Literatura marginal: talentos da escrita periférica. Rio de Janeiro: Agir, 2005.

HOOKS, Bell. *Ensinando a Transgredir - A Educação como Prática da Liberdade*. 2018

JACQUES, Paola Berenstein. Desorientação. In: Elogio as errantes: a arte de se perder na cidade. Corpos e cenários urbanos – territórios políticos e culturais, EdUFBA, Salvador, 2006. pp 302.

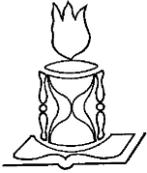
LEPECKI, André. Coreopolítica e Coreopólicia. Revista Ilha V13 N1 Artigo 3. DOI: <http://dx.doi.org/10.5007/2175-8034.2011v13n1-2p41>

MAGNANI, J.G. Cantor. Da periferia ao centro: pedaços & trajetos. Revista de Antropologia. São Paulo, USP, 1992, v. 35, p 191-203.

\_\_\_\_\_. Festa no pedaço: cultura popular e lazer na cidade. São Paulo, Hucitec, 1998.

\_\_\_\_\_. O circuito: proposta de delimitação da categoria. In: Revista PontoUrbe, n. 15, 2014.

\_\_\_\_\_. De perto e de dentro: notas para uma etnografia urbana. Revista Brasileira de Ciências Sociais, Anpocs, vol. 17, n. 49, 2002.



\_\_\_\_\_. A etnografia como prática e experiência. 2000.

NASCIMENTO, Érica Peçanha do. “*Literatura Marginal*”: os escritores da periferia entram em cena. In: Teses, Universidade de São Paulo, 2006.

NEVES, C. A. B. (2017). Slams - letramentos literários de reexistência ao/no mundo contemporâneo. *Linha D'Água*, 30 (2), 92-112.

PEREIRA, Alvaro Luis dos Santos. Reflexões sobre o fenômeno da “centralidade” a partir do quadro teórico da “Antropologia da Cidade”. In: Revista PontoUrbe, n.11, 2012. URL: <http://journals.openedition.org/pontourbe/1075>.

SCOTT, Joan. “A Invisibilidade da Experiência”. In: Proj.História, São Paulo (16), fev. 1998, pp.297-325

SMITH, Marc Kelly; KRAYNAK, Joe. Take the Mic: The Art of Performance Poetry, Slam and the Spoken Word. Naperville, IL: Sourcebooks Media Fusion, 2009.

SPIVAK, Gayatri Chakravorty. Pode o subalterno falar? Editora UFMG. Belo Horizonte, 2010.